

Página sobre o amor e a liberdade



Por: Pedro Paulo Carvalho Silva

Gostava de ser alto como as estrelas e livre como o vento; gostava que a luz do amor iluminasse a terra inteira e que o amor da liberdade libertasse os escravos do mundo.

Um escravo até em liberdade está preso, enquanto um homem interiormente livre até na prisão está em liberdade.

Entre o amor e a liberdade há uma profunda e sincera afeição; o verdadeiro amor é livre porque todo aquele que é livre liberta.

A terra é residência de escravos e de famintos. A terra é uma grande prisão.

As grades impedem a luz de entrar na prisão. E contra a tirania e a opressão só o amor nos pode salvar.

O amor é uma essência, forte como as essências, como o perfume das rosas.

Só bebendo dessa essência mágica compreendemos o essencial.

O essencial de tudo, a canção eterna, a música e a poesia que habita as coisas naturais...

O amor é uma graça da vida que nos é dada de graça, mas que custa muito, até nos faz cair em desgraça.

Só quem é interiormente livre adquire o poder de voar nas asas luminosas do amor. E o que é dado de graça deve também ser dado graciosamente pelo puro leite da dádiva.

Ficamos mais ricos quando damos, porque o amor multiplica no espírito do doador, até ao infinito, o valor da dádiva.

Só o olhar do amor permite nomear o mundo e descobrir toda a beleza que ele encerra.

O amor é o sentido da vida, só com ele presente o sentido da vida deixa de estar ausente. É esse sexto sentido que dá sentido a todos os outros e que os faz funcionar em pleno.

O amor tem o poder de nos fazer subir até ao mais altos cumes da montanha da vida espiritual e, lá do alto, permite-nos contemplar e abraçar o mundo e todas as coisas que na vida são dignas de serem amadas.

O grande amor é forte, mas não tão forte como a morte.

Nada nos pode salvar da morte mas o amor pode salvar-nos da inutilidade da vida.

Colóquios da Lusofonia em Montalegre conheceram a sua vigésima quinta edição



Alguns dos palestrantes presentes nos colóquios em Montalegre

Os Colóquios da Lusofonia, que se realizaram em Montalegre, entre os dias 21 a 25 de Abril, conheceram a sua vigésima quinta edição e foram presididos por Chrys Chrystello, tendo sido anunciado que o 26º colóquio terá lugar na Lomba da Maia, Concelho da Ribeira Grande, de 29 de Setembro a 2 de Outubro próximos.

Estiveram representadas 18 regiões e países como a Alemanha, Açores, Austrália, Bangladesh, Bélgica, Brasil, Canadá, Espanha, França, Galiza, Goa, Índia, Itália, Luxemburgo, Malaca, Portugal, Macau, e Timor-Leste, incluindo 13 académicos representando três academias de língua portuguesa e membros de 13 universidades e politécnicos.

Os convidados de honra deste colóquio foram o Prémio Nobel da Paz 1996, Dom Ximenes Belo, que fez a apresentação do seu novo livro "Um missionário açoriano em Timor", editado pelo Moinhos Terrace Café de José Soares com apoio AICL, José António Cabrita que apresenta o seu novo livro "Na lonjura de Timor / Iha dook rai Timor" e o Dramaturgo Norberto Ávila, homenageado AICL 2016, cuja vasta obra foi evocada com a representação de uma peça de Álamo Oliveira.

Naquele importante evento e nas sessões culturais, para além das comunicações de vários painéis temáticos, foram interpretadas músicas do cancionário açoriano de poetas açorianos, musicadas por Ana Paula Andrade e executadas por Carolina Constância e Henrique Constância.

Por outro lado, foi feita uma homenagem a Norberto Ávila, notável dramaturgo açoriano, da ilha Terceira. Participaram ainda outros autores, escritores e músicos açorianos.

No painel dedicado à Açorianidade, moderado pela Dra. Anabela Sardo, foram comunicadores Brites Araújo, com a "Influência das migrações na literatura e no léxico açorianos"; Carolina Cordeiro, com o tema "Daniel de Sá e a multiculturalidade açoriana da literatura", Rosário Girão e Manuel Silva com o tema "Cristóvão de Aguiar: para uma poética da Montanha e do Mar" e Pedro Paulo Câmara com "Voando com Armando Côrtes-Rodrigues em busca de um Nós".

Pedro Paulo Câmara, poeta açoriano, procurou realçar o papel da Açorianidade, como identidade cultural e sociológica, abordando esta temática, como possível factor demarcante e distintivo da restante literatura nacional.

Neste contexto e sendo Armando Côrtes-Rodrigues um dos nomes incontornáveis no panorama literário açoriano, aquele poeta natural dos Ginetes, pretendeu refletir, através do seu expólio literário, nomeadamente da sua obra "O Milhafre", o modo particular de vivenciar a ilha e todos os sentimentos do ser insular, através da viagem das palavras do autor.

Motes como a ilha, como factor geográfico

concreto e confinante; o mar como abertura ao resto do mundo e como barreira natural; a vontade de partir e a ânsia de voltar às suas raízes; a religiosidade intrínseca deste povo, foram exploradas nas palavras que Armando Cortês-Rodrigues nos deixou.

Pedro Câmara questionou-se se o conceito Açorianidade seria um fantasma que persegue o indivíduo afeto ao Arquipélago dos Açores e o neutraliza, ou uma luz que indica o caminho e que assinala a diferença. Por outro lado, acrescentou se será que os habitantes do arquipélago conseguem superar as idiossincrasias respeitantes às suas ilhas e perceber-se com um todo regional, adiantando que para além de uma área geográfica definida, originadora de uma referência espacial concreta, e possível agente motivador de um sentimento de pertença, uma identidade regional pressupõe em simultâneo uma articulação entre factores psicológicos e sociais.

No seu entender, neste âmbito, são muitas as questões que se levantam, mormente: O que se entende por identidade regional? Está a identidade regional em conflito com a identidade nacional ou com qualquer outro género de identidade? Faz sentido falar de identidade regional na era da globalização e num universo marcado pelo hibridismo de fronteiras? Em que medida é que a identidade regional depende de factores como história, cultura, língua, memória partilhada, geografia, e tantos outros?

Na realidade, a discussão acerca do conceito de Identidade, seja esta local, regional, nacional, cultural, social, é um fenómeno que se tem vindo a desenvolver ao longo dos últimos anos à velocidade de uma pandemia. Esta temática tornou-se uma problemática internacional e são já inúmeras as discussões de ordem política, educativa e cultural, que a abordam.

Para Pedro Paulo Câmara, a questão da Identidade só se coloca por oposição ou confronto

com o Outro. A comparação Eu/Nós/Outro é um facto aferido ao longo da História e assaz necessário para a preservação de um povo e para a sua auto-tomada de consciência. Esta temática adquire contornos significativos quando entram em contacto, pacífico ou violento, grupos de seres humanos de distintas origens étnicas e culturais. Todas as comunidades, independentemente de fazerem parte de um todo mais amplo, conhecem uma fase de expansão cultural, de difusão dos seus modos de vida e valores, e tendem, na generalidade, em todo o momento, a conceber e manter as suas particularidades, as suas formas e fórmulas, o seu conteúdo vital e cultural, como garantia de sobrevivência da sua própria existência.

Os modos de vida característicos de cada país ou região, ao interagirem uns com os outros, adianta o poeta ginetense, influenciam-se mutuamente, resultando daí uma certa homogeneização das formas de vida dos povos, apesar de serem mantidas vivas algumas tradições e traços distintivos de cada local e população. Esta é uma realidade do mundo actual. Será que faz sentido, hoje em dia, pergunta Pedro Câmara, numa análise do ambiente sociocultural dos Açores, dadas as suas semelhanças com as restantes sociedades ocidentais – principalmente as do espaço europeu comunitário –, descrever a forma como vive a sociedade regional com objectivos de delinear fronteiras identitárias singulares?

Na realidade, Para Pedro Câmara, é facto assente que o fundo étnico da população açoriana é genuinamente português, descendendo de alguns milhares de colonos que, no século XV partiram de Portugal Continental para esta região insular. Assim, por si só, fundamentar a existência de uma Identidade Açoriana através de uma matriz étnica especial não faz sentido. Contudo, se a essa base rática adicionarmos outros factores, é possível que a defesa de tal identidade específica faça mais sentido. Vitorino Nemésio refere-se a um nós insular. O escritor atesta que "[S]omos, portanto, gente nova. Mas a vida açoriana não data espiritualmente da colonização das ilhas: antes se projecta num passado telúrico que os geólogos reduzirão a tempo, se quiserem..."

Apesar do homem açoriano ser o agente de um percurso histórico próprio e intransmissível, a ligação aos seus patrícios continentais foi sempre constante. E a participação nos desígnios do país eficaz.

No final da sua longa exposição, o poeta Pedro Paulo Câmara, conclui que acima de tudo, identidade pressupõe a capacidade de auto-reflexão e consciência do Ser. Os indivíduos podem sentir diferentes níveis de ligação à sua região e o processo de aceitação e (re)descoberta de si próprio é algo de moroso e, muitas vezes, conflituoso. Porém, os Açorianos já percorreram caminho suficiente para nos levar a afirmar que, neste prisma, uma Identidade Regional afirma-se, incontestável.

APC

